

## primeiro capítulo

Paris é uma cidade grande, do mesmo jeito que Londres e Nova York são cidades grandes, Roma é uma aldeia, Los Angeles, uma coleção de aldeias, e Zurique é uma roça.

Um amigo meu falastrão define uma cidade grande como um lugar onde há negros e prédios altos e você pode ficar acordado a noite inteira. Por essa definição, Paris tem deficiência em prédios altos; embora o presidente Pompidou tivesse um plano, nos anos 1960 e começo dos 70, para encher Paris de arranha-céus, tudo que ele conseguiu foi juntar o skyline histórico com os abomináveis edifícios de uma filial da universidade, Paris vii, em Jussieu (recentemente fechados por utilizarem isolamento de amianto à vontade), mais a tenebrosa Tour Montparnasse — e a árida terra de ninguém de La Défense, o bairro dos escritórios.

La Défense tem poucos moradores que não sejam africanos e gente desgarrada, ao passo que a jovem classe média branca para quem foi planejada vive toda no bairro restaurado do Marais, entre vigas aparentes e lareiras de época. La Défense, de futurista, virou passé direto, sem nunca parecer ter pertencido ao presente.

Para ser franco, em vez de “parecer ter pertencido ao presente” eu quase escrevi “sem nunca ter se inscrito no interior do presente”. Isso mostra o quanto andei imerso na prosa não ficcional francesa. Com frequência tenho de parar e perguntar-me como um ser humano colocaria a mesma idéia. Quando eu era jovem, nos anos 1950 e 60, os americanos em idade universitária e com pretensões intelectuais faziam a peregrinação a Saint-Germain, à Sorbonne e a boates da Rive Gauche, tais como La Rose Rouge (os gays jovens preferiam outra cor, La Reine Blanche). Naqueles dias, a rapidez do pensamento parisiense e especialmente seu tom imperativo intimidavam por completo os jovens forasteiros de qualquer nacionalidade — eu era um deles. Os americanos tinham a sensação extra de serem desprezados, uma vez que quarenta por cento da população francesa (e virtualmente todos os intelectuais) ainda votava nos comunistas. O ódio não era recíproco. Os americanos sempre amaram Paris. Uma monografia escrita pelo francês Jean Meral, *Paris dans la littérature américaine*, lista duzentos romances sobre Paris escritos entre 1824 e 1978.

Nos anos 1950, os estudantes americanos e britânicos admiravam e liam Sartre e Camus e, se eram religiosos, também Merleau-Ponty, pois os filósofos de seus países haviam descartado todas as questões metafísicas e grande parte das morais como sem sentido ou irrelevantes para a verdadeira especulação filosófica. A juventude romântica, é lógico, voltava-se para a filosofia em busca de choques metafísicos ou conflagrações morais, nada além. A filosofia da linguagem, escola dominante no mundo anglófono, oferecia pouca coisa que estimulasse a alma ou inflamasse a imaginação de um jovem romântico. A filosofia francesa, por outro lado, envolvia por seu rigor ético: o indivíduo era responsável por suas ações e sujeitava-se a viver uma mentira ou cair no temível poço da mauvaise foi se fizesse a mais mínima concessão às conveniências ou à vaidade. Além do mais, todos os escritores e pensadores, em toda parte, eram chamados a desempenhar uma função na sociedade, a se tornar engagés, “engajados”.

O papel de Paris como geradora tanto de idéias como de maneirismos, vogas e modas também contribuiu para o seu status de cidade grande. As cidades pequenas não estabelecem padrões internacionais de moral, não como Paris tem feito desde o século xviii, quando os philosophes redefiniram o contrato social e Voltaire defendeu um criminoso condenado chamado Jean Calas, que ele acreditava ser inocente. Voltaire estava certo e conseguiu limpar o nome de Calas, fazendo valer a Paris a fama mundial de lugar onde a justiça sempre triunfa — ao menos se algum escritor famoso puder ser convencido a abraçar a boa causa. Um século depois o romancista Émile Zola confirmou a regra ao empunhar a pisoteada bandeira de Alfred Dreyfus, um oficial judeu do exército francês condenado por uma corte militar anti-semita por vender segredos à Alemanha. Em 1894, Dreyfus foi mandado para a ilha do Diabo, na Guiana Francesa. Anos mais tarde ele seria solto e, por fim, reabilitado, depois que Zola reabriu o caso na imprensa. (Uma reprodução do seu famoso artigo de primeira página, “J’accuse!”, foi projetado por inteiro na fachada da Assembléia Nacional, na noite de 13 de janeiro de 1998, em comemoração ao centenário do histórico evento.)

Suponho que essas duas histórias podem ser interpretadas mais como testemunho da importância dos escritores na França do que como evidência da justiça francesa. Com certeza o mundo anglófono nunca presenciou nada parecido com o julgamento do escritor Jean Genet, em 1943, pelas repetidas condenações por furto. Genet se deparava com a prisão perpétua como punição por ser um reincidente contumaz, mas Jean Cocteau, que havia descoberto Genet e providenciado a publicação de seu primeiro romance, Nossa Senhora das Flores, apresentou uma declaração que foi lida na corte: “Ele é Rimbaud, não se pode condenar Rimbaud”. Cocteau insinuou que o juiz entraria para a história como um filisteu se tomasse a decisão errada. Nem por um momento Cocteau argumentou que Genet era inocente, mas simplesmente que era um gênio. Seu testemunho livrou Genet, sem qualquer punição.

Esses casos exemplares, e mesmo surpreendentes, deveriam ser ponderados em contraste com a justiça peremptória e muitas vezes arrogante exercida sobre os cidadãos comuns. Na França, não há habeas corpus, e até pouco tempo atrás pessoas perfeitamente inocentes podiam ser mantidas durante meses, anos até, em prisão preventiva se um juiz considerasse que elas sabiam mais do que estavam dizendo. Como escreveu Mavis Gallant sobre o juiz na França: “Ele pode detê-lo até que você mude de idéia. Se, no fim, você for inocente, não há recurso contra a lei. Você não pode nem abrir um processo pleiteando a simbólica quantia de um franco por danos, ainda que a detenção preventiva lhe tenha custado o emprego, o equilíbrio doméstico e a sua reputação”. Nos anos 1960, com a eclosão da Guerra da Argélia, centenas de árabes definharam nas prisões francesas por longos períodos, sem nem sequer ser julgados, muito menos condenados.

Mas chega de apresentar razões sérias, intelectuais (e até negativas) para definir Paris como uma cidade grande. Há muitas outras menores, incluindo o fato de ser um lugar onde você pode dormir o dia inteiro, se quiser, descolar heroína, escutar teorias estrambóticas sustentadas com firmeza e debatidas com fúria (especialmente nos “cafés filosóficos”, onde se agendam regularmente encontros para discutir questões éticas). Em Paris, você pode observar uma genuína tolerância para

com outras raças e credos — e para com o ateísmo. É uma cidade em que você pode barganhar a própria esposa, se o desejar — em recinto fechado, num clube especial chamado Cris e Manu's, ou ao ar livre, dentro de seu carro mesmo, perto da Porte Dauphine (onde se pode desfrutar da emoção adicional do exibicionismo, pois há uns rapazes que se esgueiram pelos carros estacionados para espiar pelas janelas embaçadas). Paris é uma cidade onde a mais abominável história de incesto e assassinato é saudada com um dar de ombros verbal: “Mais, c'est normal!”.

É verdade que Paris é feita, em partes iguais, de conservadorismo social e experimentação anárquica, mas um estrangeiro nunca sabe direito como dar a entonação moral. Podemos ter ao menos a certeza de errar sempre ao tentar predizer a resposta do français moyen (o francês normal, se é que existe tal criatura). Os franceses podem se indignar como um texano batista com histórias de homens que compram pornografia infantil. No início dos anos 1990, os jornais nacionais deram os nomes de um círculo de tais figuras, o que motivou vários suicídios. Não havia distinção entre os que produziram a pornografia e os que a compraram, nem entre filmes com crianças pré-púberes e outros com adolescentes.

Por outro lado, ninguém em Paris se preocuparia com os casos sexuais dos presidentes, e a única ressalva que muita gente faz em relação a Lionel Jospin é que ele é protestante demais para ter amante. Mazarine, a filha ilegítima de Mitterrand, desfrutou de um breve momento de ampla popularidade logo em seguida à morte do pai, até fazer algo realmente discutível, quando publicou um romance medíocre. Na certa, a confusão armada nos Estados Unidos com Monica Lewinsky e “as joelheiras da Casa Branca”, como ela dizia, fez os franceses se dobrarem de hilaridade européia e sofisticação erótica superior.

A corrupção política não sexual também costumava sair de pauta com o mesmo tédio gaulês, mas agora todo o mundo latino, ávido por construir a nova “Europa”, ao lado de Alemanha, Países Baixos e Escandinávia, andou tratando de limpar a cena. Ainda assim, muitos julgamentos de altos funcionários na França (seja por deportar judeus durante a guerra, pagar à própria esposa o equivalente a 40 mil dólares por um relatório de dez páginas ou falhar no controle do vírus da aids no banco de sangue) não acabam com um estrondo, mas com um gemido. Um dia você percebe que há um bom tempo não tem mais ouvido falar de um certo escândalo. Visto que os jornais não têm a tradição das reportagens investigativas vigorosas, permite-se que a inércia sotierre até mesmo o caso mais quente do ano anterior no monturo que os franceses chamam de le non-dit — o “não-dito”.

Suponho que o indicador básico da “grancidadeza” de qualquer cidade é aquilo que você pode encontrar nela. Em Paris, você pode achar comida Tex-Mex servida num pátio cercado por uma pista de dança (Le Studio): você come seus tamales tranqüilamente, contemplando dançarinas e dançarinos em roupas de ensaio a dar saltos e piruetas atrás de vidros embaçados de condensação. Você pode alugar todo um castelo para uma festa de Halloween em estilo americano (nós, pelo menos, alugamos o castelo do Château Maisons-Laffite, certo ano, com resultados desastrosos, visto que os franceses apareceram não de feiticeiras e monstros, mas de marqueses e marquesas). O Halloween virou agora a mais nova festa nacional. Você pode visitar não uma, mas duas cópias da Estátua da Liberdade — uma num canto sombreado dos jardins do Luxemburgo, a outra no meio do

Sena, entre o décimo quinto e o décimo sexto arrondissements, na Pont de Grenelle. Você pode achar dezessete restaurantes vegetarianos, mesmo com os franceses erguendo os olhos de impaciência cada vez que os americanos vêm com seus estranhos fetiches alimentares, como o culto a grãos integrais, algas fermentadas e nada de açúcar ou manteiga. Você pode achar não um, mas diversos salões de dança para bailar às cinco da tarde de uma, digamos, terça-feira. Eu fui ao Balajo, na rue de Lappe, e ao Java, na rue Faubourg du Temple. No Java, lembro de garçonetes grandalhonas aposentadas e de cabelos oxigenados sendo sacudidas e requebradas por mirrados vendedores africanos de alguma idade (e finesse!). Um amigo meu, ligeiramente biruta, que está na casa dos vinte, afirma que costumava ir ao thé dansant todas as tardes num grande restaurante do Boulevard de Montparnasse, onde senhoras de idade enviam drinques a jovens gigolôs, que, por sua vez, tiram-nas para dançar. Durante um giro pelo salão do subsolo são feitos alguns arranjos interessantes; meu amigo, por exemplo, foi para o apartamento de uma viúva e fez a faxina envergando nada mais que um avental engomado — e ganhou mil francos.

Em Paris, você pode visitar os esgotos e as catacumbas. Pode encontrar colecionadores de bonecas Barbie. Ir a um centro budista no Bois de Vincennes (é estranho, mas as construções foram originalmente planejadas para ser os pavilhões do Togo e do Camerum, na Exposição Colonial de 1931). Você pode visitar um museu de cera, o Musée Grévin, onde as pessoas chiques dão às vezes festas particulares num teatro em miniatura ao lado de cópias de Rudolf Nureyev e Pavarotti. Você pode ir a um restaurante que serve apenas caviar ou a outro que serve somente queijos. Pode visitar as izbas (casas de toras de madeira) russas, construídas originalmente em meados do século xix para uma feira internacional, mas que acabaram transplantadas para uma região sossegada, onde ainda estão, ignoradas por todos.

Quando comecei a viver em Paris pela primeira vez, no início dos anos 1980, ainda se viam amoladores, vidraceiros e limpadores de chaminé pelas ruas, cada qual com seu pregão característico. Os limpadores de chaminé ainda existem, mas são, na maioria, uns escroques com falsos documentos a pedir carradas de dinheiro por uma limpeza ineficaz em sua lareira. Le petit ramoneur pode ser uma figura clássica no imaginário erótico parisiense, mas infelizmente não se pode mais contar com ele para desentupir tubulações mais íntimas.

Em Paris você pode topar com um mercado de pássaros na Île de la Cité, aos domingos, e pode também assistir à missa em latim numa lúgubre igreja conservadora perto da Place Maubert, de padres excomungados por se recusarem a aderir às reformas do Vaticano, e onde os paroquianos todos se parecem com esposas e maridos de Stepford, e agem como tal. Você pode achar um mercado de livros usados e raros numa área afastada de Vanves, sob uma cobertura de vidro e metal com as laterais abertas. Ali se oferece ao colecionador o equivalente a um quarteirão inteiro de livros. Do lado completamente oposto de Paris, em Clignancourt, pode-se vagar durante horas pelo mais luxuriante mercado de pulgas do mundo. Bem no centro do vasto labirinto de Clignancourt há um restaurante que serve lingüiça com fritas engorduradas onde todos os garçons e garçonetes se alternam a cantar como as grandes estrelas francesas de cabaré do passado; a proprietária se reserva o direito exclusivo sobre Piaf. Com suas unhas reluzentes de esmalte tratadas à perfeição ela varre seu

corpo de cima a baixo, em gestos atrevidos, estilizados, em contraste com seus olhos atormentados de rímel.

Paris, naturalmente, é a cidade das compras par excellence. As mulheres que querem se vestir com os couturiers ainda podem encontrá-los em Paris, se estiverem dispostas a pagar até 35 mil dólares por um vestido. Embora cerca de metade dos parisienses contentem-se em apenas se mostrar bem arrumados e anônimos, o resto faz algum esforço para seguir a moda. Em um ano, por exemplo, todo homem estará vestindo paletó de seda, em outro, se cobrirá com linhos de verão cor de sorvete de frutas. Nos anos 1980, muitas mulheres usavam as estampas berrantes do Christian La Croix, de inspiração provençal. As minissaias estavam na moda e viam-se mulheres de todos os tamanhos e idades puxando-as para baixo ao entrarem num carro ou apertando os joelhos um contra o outro e desviando ambos para o lado ao se sentarem num palco durante uma transmissão de tevê ou numa conferência. (A Avenue Foch é ao mesmo tempo o lar dos milionários de Paris, que vivem em apartamentos do tamanho de estádios, e das poules de luxe, prostitutas caras que fazem ponto à entrada dos prédios. Quando La Croix emergiu como grande estilista, uma amiga minha, rica, zarpou de seu prédio da Avenue Foch, certa noite, numa provocante minissaia. A pute local disse-lhe, discretamente: “Desculpe, madame. Que vestido mais lindo. De quem é?”. Minha amiga deu-se ares para dizer: “La Croix. Haute couture, naturalmente”. Na noite seguinte, a prostituta foi ao batente com um vestido igual.)

Os franceses inventaram a idéia do luxe e sempre se mostraram dispostos a pagar por isso, ou, quando menos, a descobrir imitações espertas e baratas. Um dos rituais da vida parisiense é trocar os bonnes addresses — nomes e endereços de algum estofador talentoso ou chapeleiro ou empalhador de cadeiras ou de uma adorável costureirinha do bairro. Ou dos melhores lugares para se comprar seja lá que detalhes decorativos capazes de provar que se está à la page: o obelisco de alabastro para a escrivaninha ou os ovos de avestruz para a mesa de café ou a miniatura de esfinge em lápis-lazúli ou o urso amarelo iluminado por dentro para o quarto das crianças.

Acima de um certo nível social e de renda cada detalhe da vida segue uma voga. Houve tempo em que todo mundo tinha de servir o jantar na cozinha, o que implicava a necessidade de redecorá-la totalmente, de forma a torná-la toda reluzente à la Philippe Starck, e preparar apenas pratos frios. Os franceses têm horror a cheiro de comida sendo preparada, ao passo que os americanos acham isso apetitoso. No século XIX, o primeiro Rothschild francês levou tão longe essa aversão que ordenou que a comida fosse levada da cozinha à sala de jantar num carrinho à prova de cheiro — um carrinho subterrâneo.

É claro que seguir as vogas implica evitar as muito difundidas. Há pouco tempo eu participava de um jantar em que um grupo de cinco gays sofisticados (um designer de móveis, um jornalista de direita, um empresário da construção, um organizador de feiras e um escultor) comentavam sobre “l’air du temps”. Embora a expressão me confundisse, eu sabia que eles não podiam estar falando de um perfume de Nina Ricci. Por fim me dei conta de que era algo como Zeitgeist, as noções de moda que estão no ar e são mais fortes do que o gosto de qualquer pessoa em particular. Todos deploravam o fato de que, apesar de seus melhores esforços, o l’air du temps

afetava suas próprias opções estéticas. Referindo-se a uma loja na rue du Faubourg Saint Honoré que oferece objetos de todo tipo e os substitui constantemente, o escultor disse: “Eu vivo passando na Colette só para ver a quantas anda l’air du temps, de forma a poder evitá-lo”. O designer de móveis acrescentou: “O gosto vem da vontade e da escolha individuais; l’air du temps é completamente involuntário”.

Em Paris pode-se comprar qualquer coisa. Em Le Monde des Epices, do Izrael, você encontra tequila e tacos, mistura para panquecas e feijão-fradinho, pipoca em embalagens de alumínio prontas para aquecer e servir, e o melhor slivovitz de ameixa. Há quatro grandes livrarias de língua inglesa (a mais sympathique é a Village Voice, no número 6 da rue Princesse, na Rive Gauche), duas ou três de língua alemã, uma de catalão e espanhol — e duas de língua francesa que só vendem velhos livros de Jules Verne nas encadernações originais. Fauchon, o famoso merceiro e fornecedor da Place Madeleine, oferece manteiga de amendoim Skippy, sem contar todo tipo de delícias comestíveis que a mente pode imaginar ou se recordar, incluindo um bolo de pistache verde-pastel. Numa loja feminina japonesa, virando a esquina logo depois do Village Voice, você pode encontrar sabonetes e perfumes produzidos em Florença pela farmácia anexa à Santa Maria Novella. A farmácia funciona desde o século xvii. A melhor prataria (Puiforcat), a melhor roupa de cama (Noel e Pourthault), a melhor floricultura (Lachaume, aberta desde os tempos de Proust, ou a Christian Tortu, perto de Odéon, para coisas mais atuais)... Ah, está tudo lá — exceto uma refeição italiana realmente refinada e elegante (os franceses acham que os italianos só comem pizza). Outra coisa que falta é um sistema decente de biblioteca pública. Não há bibliotecas com corredores de estantes abertas para os fuçadores — esse paraíso da caça ao tesouro intelectual.

A variedade de Paris encontra par na energia, voracidade e paixão de seus habitantes. Balzac observou que os apetites por ouro e prazeres tinham tamanha força em Paris que os cidadãos logo se esgotavam. “Em Paris há somente duas idades”, escreveu ele, “juventude e decadência; uma juventude pálida, exangue, e uma decadência maquiada para parecer jovem.” Ele também assinalou o amor dos parisienses pela novidade — e sua devoção pelo nada. Ou, como ele diz:

O parisiense se interessa por tudo e, ao fim e ao cabo, por nada [...]. Intoxicado como é pelas novidades que surgem do dia para a noite, o parisiense de qualquer idade vive como uma criança. Ele reclama de tudo, tolera tudo, zomba de tudo, esquece tudo, deseja tudo, experimenta tudo, sente tudo com paixão, desiste de tudo despreocupadamente — de seus reis, de suas conquistas, de sua glória, de seus ídolos, sejam de bronze ou de vidro [...].

É claro que Paris mudou, desde os dias de Balzac. Ninguém mais é tão ambicioso, visto que sua população é agora alvo dos afagos frugais mas constantes do estado socialista, e os dias de glória da cidade há muito ficaram no passado. Mas ainda reina a paixão por novidades. Paris talvez seja a única cidade em que a tirania da moda ainda mantém as mulheres sob escravidão. Um grande diretor teatral, um perfume, uma nova onda — tudo será adotado durante uma temporada e descartado na seguinte. Não há nada mais definitivo e aterrorizante do que o jeito com que os parisienses sibilam as palavras “C’est fini! ça? c’est dépassé, c’est démodé”. Até as crianças dizem isso com implacável autoridade.